

Identificados «sinalizadores» de Alzheimer que podem antecipar deteção da doença



Investigadores de Coimbra descobriram «sinalizadores» biológicos sem células sanguíneas que poderão antecipar o alerta para o aparecimento da doença de Alzheimer, anunciou a Universidade de Coimbra (UC).

“Uma equipa de investigadores do Centro de Neurociências e Biologia Celular (CNC) e da Faculdade de Medicina da UC (FMUC), liderada por Ana Cristina Rego, descobriu ‘sinalizadores’ biológicos sem células sanguíneas que poderão alertar precocemente para o surgimento da doença de Alzheimer”, afirma a UC, numa nota hoje divulgada.

Antes do aparecimento da doença de Alzheimer “ocorre a formação de radicais livres” e a investigação realizada revela que esses radicais “ativam um ‘sinalizador’ biológico” (uma “proteína, designada Nrf2, que tem como função proteger as células dos radicais livres”), refere a mesma nota.

Os radicais livres são “moléculas que poderão conduzir à morte dos neurónios nesta doença”.

“A sinalização da proteína é mais evidente quando surgem as primeiras queixas de memória, numa etapa inicial da doença de Alzheimer”, explica Ana Cristina Rego, coordenadora do estudo, que já foi publicado na revista *Biochimica et Biophysica Acta (BBA)- Molecular Basis of Disease*.

Além disso, “nesta fase, aumenta a sinalização de ‘moléculas de stresse’ no ‘retículo endoplasmático’, um organelo celular com várias funções, nomeadamente na síntese de novas proteínas e nos processos de destoxificação celular”, acrescenta a investigadora.

O período que antecede a doença de Alzheimer trabalhado nesta investigação, designado por Défice Cognitivo Ligeiro (DCL), situa-se entre os indivíduos cognitivamente saudáveis e os doentes com Alzheimer provável.

“Cerca de 10 a 20% das pessoas acima dos 65 anos encontram-se nesta fase intermédia de DCL e aproximadamente 15% irão progredir para um estado de demência anualmente”, refere a UC na mesma nota.

“As alterações que ocorrem em indivíduos com DCL podem ser cruciais para se compreender o início dos processos de disfunção celular e morte neuronal na doença de Alzheimer, e auxiliar no desenvolvimento de novas estratégias terapêuticas capazes de impedir a progressão da doença”, salienta Ana Cristina Rego, citada pela UC na mesma nota.

O estudo foi desenvolvido em “estreita colaboração com investigadores de outro grupo do CNC e da FMUC, liderado por Cláudia Pereira, e com Isabel Santana, do serviço de neurologia do Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra (CHUC) e da FMUC”.

Fonte

Diário Digital/Lusa